

A Intertextualidade em “*Borges e os Orangotangos Eternos*” de Luis Fernando Veríssimo

Iara Carneiro Tabosa Pena¹

RESUMO

Esse artigo tem a finalidade de apresentar a obra “*Borges e os Orangotangos Eternos*” de Luis Fernando Veríssimo, como um texto artisticamente concebido e a sua relação com um imenso labirinto de outros textos. Para pensar na obra de Veríssimo, tomamos as discussões propostas por Gerard Genette em seu livro *Palimpsestos*.

Palavras-Chaves: Intertextualidade, narrativa, leitor.

ABSTRACT

This article has the purpose to present the work “*Borges e os Orangotangos Eternos*”, from brasilian writer called Luis Fernando Veríssimo as a text artistically conceived that maintain a kind of relation with a vast maze of other texts. For Thinking in this text, we took some discussion presents by Gerard Genette in his book *Palimpsestos*.

Keywords: Intertextuality, narrative, reader.

A concepção de um texto literário para os leitores mais atentos pauta-se em um texto artisticamente concebido que retenha e indague constantemente o seu desejo de leitura. Grandes nomes da literatura brasileira desempenharam este papel fazendo do leitor não apenas um possível instrumento de realização de sua arte, mas, sobretudo, parte de sua obra artística.

Pensando aqui no leitor como co-participante da obra de arte literária e, por isso, como participante ativo da realização de significação e sentido do texto para sua, então, autonomia artística, Luiz Fernando Veríssimo inova o papel do texto dentro da literatura brasileira a partir das variadas pistas dadas pelo narrador do texto para materializar uma leitura específica de sua obra intitulada “*Borges e Os Orangotangos Eternos*”, lançada em 2000 pela Companhia das Letras.

¹ PENA, Iara Carneiro Tabosa. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Literatura (Mestrado) da Universidade de Brasília (UnB) – Brasil.

O título da obra, para um leitor ingênuo, não seria mais que uma referência a uma possível história com um personagem de nome *Borges* numa bela aventura com orangotangos eternos. O título do texto já tem por si mesmo mérito em despertar em qualquer leitor de livros, o desejo de lê-lo. Entretanto, para aqueles mais atentos, com um universo de leitura mais amplo, tornar-se-ia bem possível saber que esse “*Borges e esses Orangotangos Eternos*”, não são referências aleatórias e, ao contrário do que se possa pensar, fazem menção direta a *Jorge Luiz Borges* e a *Edgar Allan Poe*.

Restaria ao leitor, então, abrir o texto de Veríssimo e conferir a que referências seriam possíveis encontrar ali ou ainda que história estaria ali para ser contada. Iniciando-se a leitura do texto, o leitor depara-se com um imenso labirinto de outros textos e diferentes vozes na narrativa num mesmo enredo compondo uma nova arte literária.

O caminho percorrido por Veríssimo para composição de “*Borges e Os Orangotangos Eternos*” está ricamente preso ao modo de concepção poética realizada por Poe, fazendo uso do suspense, da dúvida e de modos específicos de narrar para estruturação artística do texto. Concomitantemente a essas características, Veríssimo materializa em seu trabalho artístico o labirinto de Borges de maneira a dialogar, sempre numa perspectiva de dupla possibilidade, com as pistas dadas pelo narrador do enredo para construir um enredo típico das histórias policiais.

Dessa forma, para desencadear os acontecimentos da narrativa, o suspense do texto provocado por modos específicos de narrar aludindo, como dissemos, aos contos policiais de Poe, estabelece uma relação imediata do leitor com alguns contos da literatura norte-americana. Essa relação, denominada de *intertextualidade* por Gérard Genette, realizada por esse diálogo entre textos, é facilmente percebido na obra do Veríssimo.

Em seu livro *Palimpsestos*, Gérard Genette define as relações intertextuais de textos literários como *transtextualidade* de onde derivam os conceitos de *intertextualidade*, *metatextualidade* e *hipertextualidade* as quais nos interessa discutir aqui. Na narrativa de Veríssimo, as relações intertextuais são o alicerce para desenrolar o enredo. Genette nos diz que essas relações intertextuais se realizam numa obra como um *pergaminho* “*cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência*” (GENNETE, 2006). Em Veríssimo é fácil perceber como isso funciona. A obra “*Borges e os Orangotangos Eternos*”, representa-se aí como o *pergaminho* de que nos fala Genette e sua narrativa é, essencialmente, realizada da relação de um texto e outro tendo como base maior os contos de Jorge Luiz Borges e Edgar Allan Poe.

A *intertextualidade* em *Borges e Os Orangotangos Eternos* pode ser tida, então, como base arquetípica de construção literária. Como dissemos a pouco, a partir de alguns contos de Borges como, por exemplo, *O Aleph*, *A Biblioteca de Babel* e *O Jardim dos Caminhos que se bifurcam*, Luiz Fernando Veríssimo consegue dar vida a um romance policial entrelaçando, assim como os jardins labirínticos de Borges e sua imensa biblioteca sem fim, toda a harmonia de mistério numa narrativa ímpar dentro da literatura brasileira.

Os contos de Poe entram no enredo do texto como “ferramenta” essencial para desmistificar a história encenada pelos personagens criados pelo narrador de Luiz Fernando Veríssimo ao refletir comportamentos, condutas e pensamentos ficcionais do lugar dos personagens dos contos de Poe: Dar-se vida ao investigador Dupin através do personagem Cuervo cujo nome, é claro, refere-se ao conto “O Corvo” de Edgar Allan Poe; Volgelstein, o narrador-personagem, assume o papel chave na narrativa que, com a ajuda de Borges, aí representado pela figura empírica do escritor argentino Jorge Luiz Borges, participa da investigação de um crime ocorrido num congresso literário em homenagem a Edgar Allan Poe:

“Você continuou pensativo. Cuervo, agitado, não se sentara. Estávamos de volta a sua biblioteca porque as investigações no hotel tinham sido frustrantes. Enquanto eu dormia no meu quarto, Cuervo e seus comandados testavam todas as hipóteses sugeridas pela pista dada pelo morto. Se é que o X se referia a Xavier Urquiza. Mesmo se Urquiza tivesse acesso à chave da porta que ligava seu quarto ao quarto de Rotkopf, que só era usada no caso de alguém ocupar os dois e precisar de uma conexão entre eles, a porta definitivamente não fora aberta nos último seis meses. O hotel sofrera uma remodelação recente que incluía pinta geral [...] – Esperem – disse eu – No conto do quarto fechado de Poe, “The Big Bow Mystery”, o assassino... Mais uma vez eu tinha espantado Cuervo, agora trocando a história de Poe pela de Zangwill [...] – Você quer dizer no conto “Assassinato da Rua Morgue”, do Poe... – Claro, claro. No conto de Poe, o assassino é um orangotango que entra pela janela. Quando ele sai pela janela, esta se fecha e a fechadura dá a impressão de ter voltado para o lugar, mas...” (VERÍSSIMO, 2000:53)

Nessa perspectiva, o leitor atento e conhecedor dos contos de Poe e de Borges irão, certamente, perceber no decorrer da leitura do texto, a fantástica trama criada por Veríssimo para representar a ficção pela ficção numa realidade imaginada e reinventada a partir da experiência de leitura de contos policiais. É nesse sentido que Gérard Genette nos chama a atenção ao intitular tal modo de representação literária como *metaficção*, quando o narrador une um texto a outro texto do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo. Apenas convoca-o e o representa pela “re-representação”, podemos dizer.

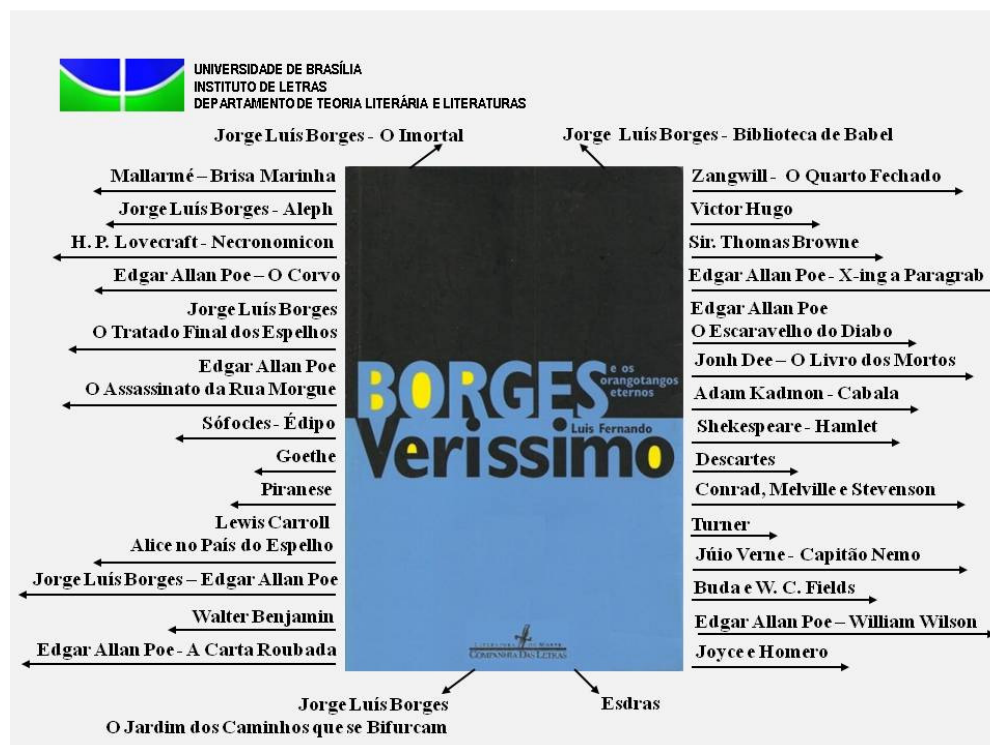
O conto *A Carta Roubada e Assassinato na Rua Morgue* de Poe são referenciados ao longo de todo o texto de Veríssimo, como único e possível caminho para o leitor conseguir desvendar o mistério vivenciado pelos personagens. Veríssimo põe em prática e demonstra, pela

relação complexa de referências às constantes histórias outras, os contos de Poe e Borges como um verdadeiro *pergaminho* para compreensão de seu texto. Ou seja, é numa relação singular *hipertextual*, que um novo texto, no caso *Borges e os Orangetangos Eternos*, nasce e realiza-se a partir de outros textos concebidos dentro da literatura, conforme destacamos:

“[...] Entendo por hipertextualidade toda a relação que une um texto B (que chamarei de hipertexto) a um texto anterior A (que chamarei, naturalmente, de hipotexto) do qual ele brota, de forma que não é a do comentário” (GENETTE, 2006)

Não só de Poe e Borges esta obra de Veríssimo relaciona-se. Além da primazia de escritura tendo como base dois grandes nomes da literatura universal, Veríssimo faz um verdadeiro passeio por textos e referências literárias que, a partir da leitura de sua obra, torna-se uma oportunidade irrecusável para o leitor ampliar seu universo de leitura instigado pela curiosidade de, assim como seus personagens, participar do quebra-cabeça proposto por Veríssimo. Isso só será possível, então, lendo Poe e Borges, essencialmente.

Na figura a seguir, este artigo nos dá uma idéia da riqueza da obra de Veríssimo e do fantástico labirinto de Jorge Luiz Borges que é representado por meio de textos e textos que se completam para ser um só. Sendo um só, ganha outra significação na linguagem literária, tornando-se desse modo autônomo e reconhecidamente artístico. Ler a obra *Borges e os Orangetangos Eternos* torna-se mais que um prazer: um lugar de experiência viva da arte sempre passível de ser vivenciada pela relação verossímil entre realidade e ficção.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos por *Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras - UFMG – 2006.

VERISSIMO, Luis Fernando. **Borges e os orangotangos eternos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.